

PEDAGOGIAS TRANS* NO CIBERESPAÇO: O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NA PESQUISA DE CAMPO

Anne Alencar Monteiro

*Universidade Federal da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFBA/PPGA)
alencar.anne@gmail.com*

Resumo

O presente resumo visa refletir sobre as estratégias metodológicas que venho desenvolvendo em minha pesquisa com homens trans grávidos ou que engravidaram, buscando problematizar o lugar que a internet, principalmente por meio das mídias sociais, vem ganhando centralidade nas relações entre eu e meus interlocutores, pensando que a partir dela interações são consolidadas, identidades são construídas e saberes são compartilhados.

Palavras-chave: Mídias sociais; Metodologia; Homes trans.

As principais discussões apontadas aqui são frutos da minha pesquisa de mestrado em Antropologia que ainda está em andamento e que tem como objetivo principal compreender, numa perspectiva antropológica, os sentidos, significados e relacionalidades produzidos a partir da gravidez gerada em um corpo transmasculino, seguindo a trilha aberta pelas autoras da abordagem conhecida como ‘novo parentesco’ (FONSECA, 2003). A proposta é investigar a constituição das parentalidades no Brasil, a partir da configuração familiar formada por homens trans que passaram ou estão passando pela experiência da gestação. Mas ao iniciar a pesquisa com homens trans surgiu o impasse de como e onde realizar a pesquisa de campo. O grupo de homens trans é bem espalhado geograficamente. As cidades de Salvador e Feira de Santana são as que tenho tido mais contato com essas pessoas. Eles se relacionam através de encontros, eventos, palestras e festas voltadas para a população trans ou para o grupo de pessoas LGBT’s no geral. Como o foco da minha pesquisa é com homens trans grávidos ou que engravidaram o acesso a eles se torna cada vez mais restrito, tendo em vista que apenas um foi localizado no grupo que venho acompanhando em Salvador e dois em Feira de Santana. Foi assim que comecei a fazer essa busca através da internet e comecei a utilizar de ferramentas como *facebook* e *whatsapp* para conseguir localizar os informantes. Nesse texto faço reflexões metodológicas sobre a pesquisa de campo na internet trazendo à luz as vivências e as experiências dos homens trans no ciberespaço.

Apesar do foco da pesquisa não ser discutir questões mais profundas e pertinentes no campo das ciberculturas como propõe Rifiotis (2016) em sua crítica a etnografia virtual e a necessidade de uma pesquisa que revele as interações entre humanos e não humanos, a internet, principalmente o *facebook* e o *whatsapp* tornaram-se ferramentas metodológicas imprescindíveis para o desenvolvimento da minha pesquisa. Foi a partir desse contato on-line que pude ter acesso aos homens trans que engravidaram. Um desses contatos já extrapolou o virtual permitindo encontros face a face. Não quero com isso sugerir uma dicotomia rígida entre on-line e off-line, pois como bem nos mostra Parreiras (2011) em sua pesquisa realizada em uma comunidade de homens gays no Orkut, em que ela propõe discutir sobre como as identidades sexuais são construídas no virtual, uma tensão entre o on-line e o off-line é colocada, é preciso tratar o on-line e o off-line como espaços contextuais e contingentes, e ao mesmo tempo que podem estar separados, podem, também, se confundir. A tensão on-line e off-line é ampla e mobiliza conceitos sobre realidade e autenticidade que no caso dos membros da comunidade pesquisada por ela, buscam informações que estejam por trás das telas (PARREIRAS, 2011). E é justamente nessa tensão entre on-line e off-line que minha pesquisa vem sendo desenvolvida.

Os relatos dos homens trans mostram que a internet tem um papel importante na construção de suas identidades transmasculinas, principalmente nos momentos iniciais da autoidentificação enquanto homem. A transgeneridade enquanto um fenômeno social é marcada por “uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas [hegemônicas] de gênero.” (BENTO, 2008, p. 18). Tais normas estão baseadas em uma matriz heterossexual que “delimita os padrões a serem seguidos, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem.” (LOURO 2008, p.17). As identidades trans são construídas individual e coletivamente. Os espaços de sociabilização em que essas identidades ganham força depende do contexto local em que essas pessoas estão inseridas. Lostaunau (2015) mostra como as identidades de gênero das mulheres trans que participaram de sua pesquisa realizada no Peru são construídas a partir das relações sociais estabelecidas na infância, na família, na escola, em espaços de sociabilização como os jogos de vôlei, os concursos de beleza, o trabalho como prostitutas ou cabeleireiras, viagens para o exterior, os relacionamentos afetivos-sexuais e as transformações corporais, por assumir um comportamento e uma estética feminina. Segundo a autora essas identidades não correspondem a uma essência, não são estáticas nem homogêneas, se trata de uma forma fluida de identidade que tem relação com as memórias e as

vivências pessoais e coletivas dessas mulheres. Assim, a identidade de gênero é construída cotidianamente e não corresponde a uma única forma. O que quero destacar aqui é que a partir das minhas observações percebo que a internet, principalmente o *facebook* e o *youtube* são espaços importantes para a autoidentificação dos homens trans.

Pedro é um homem trans, tem 27 anos e mora em Feira de Santana, engravidou antes da “transição” de gênero, ele me conta como foi a sua “descoberta” enquanto homem:

Quando eu fiz 25 anos eu falei: rapaz vou começar a pesquisar isso aí. Aí foi quando... eu nunca fui muito ligado a rede social, aí foi quando eu comecei a ter... tinha os bofinhos né? Como dizem os meninos que começavam a adotar nomes masculinos e tal. Aí eu: Qual a pretensão que vocês tem de adotar nomes masculinos? É porque vocês gostam de ser tratados no masculino? Algumas pessoas me diziam que era só pelo fato de gostar mesmo do nome e tal, mas que não tinha problema nenhum em ser tratado no feminino. Mas eu falei assim: vocês não conhecem alguém? Aí foi uma pessoa ligando a outra até que eu consegui falar com um rapazinho e ele: nossa cara eu achei que eu estava perdido no mundo. Eu falei: rapaz, eu tive a mesma sensação e por aí deve ter mais outros sentindo a mesma coisa que a gente. Foi aí que a gente começou a conversar. Eu conheci esse menino nas redes sociais, foi até através de um grupo do facebook, eu nem me recordo o nome do grupo, porque sou péssimo de memória e também a gente perdeu o contato, mas foi ele que me ajudou bastante, creio eu também que ajudei ele bastante, porque a gente trocava experiência, porque a gente não se sentia assim... uma mulher.

Descobrir, através da internet, que existem pessoas que compartilham as mesmas coisas que você e que existe uma comunidade maior na qual você se identifica é um percurso comum que eu ouço com certa frequência entre os homens trans. Mariano, homem trans de 24 anos que mora em Salvador e que nunca engravidou, me relatou, em uma de nossas conversas, que sua ex-namorada mostrou para ele o que era homem trans. Ele conta que no início não entendeu bem o que era e que a partir disso ele começou a pesquisar no *Google* sobre o assunto, tudo que ele lia nos sites e blogs, os vídeos que ele assistia começou a fazer sentido com o que ele estava sentindo, vivendo e experimentando naquele momento. Mariano, conta também que antes de realizar sua mastectomia¹ ele assistiu vários vídeos no *Youtube* sobre os resultados e os procedimentos de realização da cirurgia.

A internet tem um papel importante no processo de auto identificação das transmasculinidades, assim penso que minha pesquisa não poderia assumir outro “campo” que não fosse, também, o virtual. Foi nessa imersão on-line que, juntamente com a literatura sobre o tema, percebi como a internet é um dos espaços importantes de sociabilização para este grupo. A internet compõe um dos espaços em que o processo de auto identificação dos homens trans ocorrem, além é claro dos ambientes hospitalares ligados ao processo transexualizador, das universidades e dos espaços políticos (ALMEIDA,2012). Ávila (2014) ao pesquisar sobre a emergência da

¹Cirurgia plástica de masculinização dos seios.

transmasculinidade como identidade política e social no Brasil, mostra que a *internet* teve um papel central em sua pesquisa, pois para localizar os seus interlocutores foi preciso recorrer ao acesso a *sites* e *blogs* sobre homens transexuais e seu primeiro contato foi através de *e-mail*. Além disso, espaços virtuais como o *Youtube*, por exemplo, são de extrema importância para a população de homens trans. É possível encontrar vários vídeos em que eles mostram sua transição corporal, o resultado de suas cirurgias, os pelos de suas barbas, as mudanças na voz. Mais do que um corpo em frente às câmeras, esses vídeos possuem um caráter pedagógico fundamental no processo de transição, que serve de exemplo para outros homens trans mais novos (CAMPBELL, 2017). Os homens trans ganham mais espaços na internet em comparação as mulheres trans. A medida em que seus corpos vão se “masculinizando” eles percebem que não precisam mais editar os vídeos e as fotos tapando os mamilos. Para as mulheres trans e travestis seus vídeos podem ser censurados por mostrarem o resultado de seios “feminilizados” a partir da injeção do silicone. Assim, os homens trans possuem uma maior autonomia corporal online, em que o ciberespaço funciona como um lugar em que múltiplas pedagogias trans são compartilhadas (CAMPBELL, 2017). Essa especificidade de como os homens trans utilizam a internet e comparando esse fato com a pesquisa de Dias (2011) com os neonazistas na internet em que ela demonstra como a rede virtual vem afetando o desenho das próprias organização neozistas, pois eles utilizam a internet de maneira particular, tanto entre si como com o restante da rede, eles tentam se esconder no mar digital através da produção de sites muito profundos que possuem vários links internos, o que torna tais links menos visíveis nos canais de busca. É interessante perceber como cada grupo faz uso da internet de forma específica e a forma como ela é configurada, as políticas de privacidade, o que é censurado ou o que é permitido ter ampla circulação, a possibilidade de trocar mensagens instantâneas tem relação direta com o modo como as pessoas ou comunidades fazem uso da e na internet.

Voltando ao grupo de homens trans, apesar dos vídeos sobre questões familiares ou reprodução não serem tão populares como os sobre hormônios e cirurgias, o fato de possuir um corpo no qual é possível gestar e parir é visto pelos homens trans que acompanho (on e off-line) como mais uma possibilidade de configurar suas masculinidades. Essa associação entre gravidez e masculinidade é muito presente na metáfora do cavalo-marinho. “*Cavalo-marinho é uma espécie em que o macho engravida e ele não deixa de ser macho por isso. Assim como nós, homens trans, não deixamos de ser homens pela possibilidade de engravidar*”, assim explica Fernando, um dos homens trans idealizador de um canal do *YouTube* intitulado Cavalos-marinhos. O canal é voltado para discutir questões que perpassam a vida cotidiana dos homens trans. É a partir disso, que os

homens trans com os quais eu tenho dialogado dão sentido a potência que há em seus corpos de gestar e parir com suas masculinidades.

Ser um homem trans e estar grávido certamente não é uma tarefa fácil, muitos dos relatos que tenho lido e escutado sobre a experiência de estar grávido gera dúvidas, incertezas de como criar os filhos, medo de como os outros vão trata-los. Essa experiência é compartilhada em grupos fechados no *Facebook*, esse espaço funciona como uma possibilidade de trocar experiências com os pares e desabafar sobre situações de Transfobia. Claudio é um homem trans e quando nos conhecemos ele estava com três meses de gestação, nós conversamos no *inbox* do *Facebook* sobre essa experiência. Claudio relata essa experiência a partir de muitas incertezas e de preconceitos vividos por ele. Ao descrever como é para ele ser um homem trans e estar grávido ele conta que, dentre outras coisas, o fato dele ter gestado o filho não significa que ele não é homem ou que ele é menos homem. A potência que há nos corpos transmasculinos de gestar não é vista como algo que negue a masculinidade do homens trans, mas eles (re)significam isso a partir das suas vivências e experiências trans. Assim, a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno biológico restrito a feminilidade ou que possui uma associação direta com a maternidade. Engravidar também faz parte do que é ser homem.

O *Facebook* e *Whatsapp* são mídias sociais que podem ser acessadas através do computador ou celular. Elas permitem ter conversas coletivas ou conversas privadas, permitem o compartilhamento de fotos, conversas por áudio, por vídeo ou por escrito. A praticidade de seu uso e a possibilidade de estar conectado o tempo todo através do celular me permite ter uma imersão completa nesse espaço. Além disso, essa ferramenta me permite tirar print (foto) das conversas, postagens do *Facebook*, ou seja, me permite registrar o momento em que as coisas acontecem de forma que possa retoma-las depois. Mesmo aqueles homens trans que tenho a possibilidade de um contato off-line não exclui a nossa interação pela internet. Eu sempre retomo ponto de conversas anteriores pelo *Whatsapp*, nas entrevistas presenciais sempre fazemos referência a alguma foto postada ou algum comentário que alguém fez em alguma discussão. É praticamente inviável separar o on-line e off-line, eles se complementam e fazem referência um ao outro o tempo inteiro e pra mim é mais difícil ainda separar claramente o “estar lá” e o “estar aqui” na pesquisa de campo.

O fato é que coletar os dados em campo utilizando o *Facebook* e *Whatsapp* pode não ser a forma perfeita de conduzir uma pesquisa etnográfica do ponto de vista clássico de pesquisa de campo, pois as postagens no *Facebook* ou as conversas via *Whatsapp* são representações e como tal estão imersas em um jogo de mostrar e esconder algo tensionados pelo on-line e off-line, mas dada

a maneira como os homens trans lidam com a internet e como eles constroem relacionamentos a partir daí é possível abrir debate sobre formas de ser e estar no mundo que são atravessadas pelo *wi-fi* e de pesquisas em contextos culturais particulares em que a internet é central para os processos de identificação de um grupo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.513-523, maio 2012.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CAMPBELL, Baird. **Learning to be Trans on YouTube**. 2017. Disponível em: <<http://blog.castac.org/2017/02/trans-on-youtube/>>. Acesso em: 09 maio 2017.

DIAS, Adriana. O universo simbólico neonazista na Internet: breve relato de uma experiência etnográfica. In: FERIANE, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema (Org.). **Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico**. São Paulo: Anna Blume, 2011. p. 23-42.

FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. Ilha: **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.05-31, jun. 2003.

LOSTAUNAU, Ximena Salazar. **"Vine al mundo porque dios quiere que yo esté aquí"**: Recorridos Identitarios de Mujeres Trans en Lima, Iquitos y Ayacucho. 2015. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério”?: uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: FERIANE, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema (Org.). **Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico**. São Paulo: Anna Blume, 2011. p. 23-42.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p.85-99, 2016. ANPOCS.